



Jornalismo Comunitário: Dez anos de estímulo à cidadania na Vila Princesa¹

Hélen Silva de ALBERNAZ²
Jairo SANGUINÉ³
Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

Com o objetivo de discutir possibilidades de novas formas de ação jornalística, a partir de um processo comunicativo horizontal, alternativo, participativo e inclusivo, o curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas desenvolve, desde o ano 2000, o projeto de jornalismo comunitário "Folha da Princesa", realizado na periferia da cidade e que tem entre seus objetivos contribuir para a formação de uma consciência em relação à cidadania, num processo que envolve a comunidade em todas suas etapas.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Comunitário; Cidadania; Informação.

INTRODUÇÃO

Os meios tradicionais de comunicação buscam passar a idéia de que não fazem parte do sistema, pois seriam “observadores”, apenas, ou mediadores entre os fatos e a sociedade. De maneira dita "isenta", apresentam uma realidade que segundo eles é inquestionável, afinal, o fato aconteceu concretamente e, portanto, basta divulgá-lo simbolicamente em forma de notícia impressa ou eletrônica. Acontece que a isenção, nesse caso, significa a reprodução de uma realidade construída e que faz parte do sistema vigente, no caso, inquestionável.

Há muito se diz, nos meios acadêmicos principalmente, que o jornalismo é feito de escolhas, portanto, é uma atividade subjetiva. Da quantidade enorme de fatos, os meios de comunicação escolhem somente os que mais lhes interessam para divulgar, baseando-se para isso em questionáveis critérios subjetivos. A desigualdade social, por exemplo, não é apresentada pelos veículos tradicionais como um problema estrutural e sim como uma mera questão de "competência administrativa".

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo , modalidade Jornal-laboratório impresso (conjunto/série).

² Aluna líder do grupo e acadêmica do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social - habilitação Jornalismo da Universidade Católica de Pelotas. Diagramadora e integrante do Jornal Comunitário Folha da Princesa. Email: leli1709@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo. Bacharel em Comunicação Social. Mestre em Desenvolvimento Social. Coordenador do projeto de Extensão em Jornalismo Comunitário. UCPel – Universidade Católica de Pelotas/RS.



É neste contexto que abordamos a comunicação comunitária como uma alternativa de democratizar a informação. Qualquer meio de comunicação popular⁴, conforme Peruzzo (1998), não chega a colocar-se como força superadora dos meios massivos. "*Os dois são complementares e não excludentes*". Os chamados "Jornais de Bairro", por exemplo, que são pequenas publicações com circulação limitada a uma determinada área da cidade, existem para satisfazer aos interesses mais imediatos e próprios de uma determinada comunidade. Normalmente são veículos que sobrevivem dos recursos de pequenos anunciantes: comerciantes e prestadores de serviço do próprio bairro, e a distribuição quase sempre é gratuita. Claro que muitas destas publicações apresentam caráter alternativo apenas por não fazerem parte da grande imprensa e por limitarem-se às informações locais, da comunidade. No entanto, o que é preciso analisar é a concepção de comunicação que esses veículos apresentam. É necessário observar seu projeto original, onde conste os objetivos da publicação.

É nesse momento que entra em cena a chamada comunicação popular, como real alternativa à comunicação dominante, já que na maior parte das vezes, os jornais de bairro estão longe de desenvolverem algo que possa ser chamado de comunicação comunitária ou comunicação popular, por apenas reproduzirem o cotidiano da comunidade, tal como o faz, num âmbito mais amplo, a imprensa tradicional.

Cicilia Peruzzo, apresenta algumas características que definem a mídia comunitária:

- a) estar aberta à participação ativa dos cidadãos e suas entidades representativas;
- b) as pessoas da própria comunidade se revezam enquanto produtoras e receptoras dos produtos comunicacionais;
- c) desenvolvimento do processo de interatividade na comunicação;
- d) autogerida pelas entidades representativas da própria comunidade;
- e) autonomia e livre de ingerências em relação aos órgãos do governo, grande mídia, partidos políticos e seus afiliados etc.;
- f) não tem interesses comerciais;
- g) oferece possibilidades ilimitadas de inovação de linguagens e formatos de programas;
- h) programação sintonizada com a realidade local;
- i) dirigida a segmentos específicos da população;
- j) alcance limitado em termos de cobertura, audiência ou número de leitores;
- k) as ações se desenvolvem em torno de interesses comuns;
- l) envolve um processo de aprendizado no exercício da democracia e da cidadania. (PERUZZO, 1999:145)

São exatamente essas características que fazem da comunicação comunitária uma alternativa à concepção de mídia tradicional, envolvendo o conjunto da comunidade em

⁴ O termo "popular" aqui é utilizado para designar aquele jornalismo produzido pelo povo, e não no sentido referido ao jornalismo "sensacionalista".



todas as fases do processo de produção do veículo, desde a sua concepção até a avaliação final. Mesmo considerando o fato de que nas últimas décadas os meios massivos de comunicação abriram alguns espaços para a reflexão de temas ditos populares, de denúncias de corrupção etc. No entanto, limita-se a essa visão funcional, de cumprir com seu papel social sem nenhum compromisso com as mudanças sociais necessárias para reduzir o abismo social visto atualmente.

A comunicação popular coloca-se como uma alternativa viável, e vários projetos já provaram isso. É preciso, no entanto, ter em mente que nem toda comunicação popular é democrática ou mesmo participativa. Os espaços de intervenção na própria elaboração dos projetos editoriais, que devem ser pensados juntamente com a comunidade para a qual vai servir, precisam ser ampliados, caso contrário, mesmo sendo uma alternativa aos veículos tradicionais, estarão reproduzindo seu modelo, que entende a informação como uma reprodução burocrática do cotidiano, sem fazer qualquer interferência. É o que lembra Cicília Peruzzo:

Na maioria das práticas brasileiras de comunicação popular, a produção de mensagens, o planejamento e a gestão dos meios se centralizam em poucas mãos. Além de envolver o risco de controle da informação e do poder, entre outras implicações, isso favorece a reprodução de padrões de dominação e uma contradição da prática participativa mais ampla dos movimentos. (PERUZZO, 1998: 154)

Para ela, quando a comunicação é centralizada, passa a ser tratada como uma atividade-fim e não como uma atividade-meio, com sua função político-educativa para o conjunto das pessoas. O resultado é um veículo sem a personalidade da comunidade para a qual é dirigida, sendo uma reprodução das idéias exclusivas de quem detém essa centralidade. Quer dizer, há uma descaracterização do projeto como popular e participativo.

OBJETIVO

Realizado na periferia da cidade desde 2000, o Projeto de Jornalismo Comunitário "Folha da Princesa" tem entre seus objetivos contribuir para a formação de uma consciência em relação à cidadania. Discutir, também, alternativas à absorção, pelos indivíduos de determinada periferia, como sendo verdadeira qualquer informação recebida pelos MCM. Ou seja, o mundo do espetáculo, que se apresenta em imagens fantásticas e instantaneamente para esses indivíduos, é um mundo distante de sua realidade. Ele recebe essas mensagens como um filme, no qual ele não passa de um mero espectador. O projeto



Folha da Princesa nasce neste espaço, como um projeto integrado de comunicação, envolvendo de maneira coletiva todos os atores do processo. A essência do projeto encontra-se amparada em princípios básicos de cidadania e responsabilidade social dentro do Jornalismo, como discutir o direito à informação para o exercício da liberdade de informar e ser informado; possibilitar a execução do Jornalismo Comunitário elaborado a partir dos interesses coletivos de uma comunidade; analisar as diferentes possibilidades de um jornal comunitário na construção de uma visão crítica de mundo pelos alunos de jornalismo, considerando-se seu papel nesse processo e dentro da sociedade; propor o jornalismo comunitário como real alternativa aos meios massivos de comunicação, num processo inclusivo e participativo; estimular um desenvolvimento sustentável de uma comunidade periférica; criar metodologias participativas associados aos instrumentos e técnicas da Comunicação Social para a promoção da cidadania; perceber a comunicação como possibilidade de acesso dos cidadãos à informação e à expressão de seus pensamentos. O projeto Jornal Comunitário Folha da Princesa é desenvolvido exclusivamente por alunos do Centro de Comunicação e Educação da UCPel alunos das disciplinas de Redação, aceitando a colaboração de alunos de outras escolas e Universidades na produção de algumas colunas. Um exemplo é a coluna de Direito, que leva à comunidade informações acerca de seus direitos e faz a abordagem de leis que estão em debate na sociedade. A elaboração do jornal se dá inteiramente no laboratório de redação do Curso de Comunicação Social. Não há qualquer vínculo deste projeto que não seja aquele estabelecido com a Comunidade. Não há patrocínio externo, todos os custos são arcados pela Universidade Católica de Pelotas.

A “FOLHA DA PRINCESA”

Localizada junto à BR 116, a 15 km do centro de Pelotas, a vila Princesa tem hoje aproximadamente cinco mil moradores, a maioria pequenos agricultores oriundos da região da colônia, que vieram tentar a sorte numa região ao mesmo tempo próxima da cidade mas com as características da vida no campo. São histórias como as de Darcy Dias e Antônia Dias, que moram na vila Princesa há 40 anos, consideram os moradores do local como uma verdadeira família:

A vida nos ensina muita coisa. Aqui, valorizamos muito mais uma verdadeira amizade do que qualquer outra coisa. Somos muito unidos. Temos que conservar isso, que pra mim é o mais importante. Quanto posso ajudar, ajudo mesmo. (DIAS, 2000: pp. 4 e 5)



Não são poucas as dificuldades estruturais da vila Princesa, a começar pelo precário abastecimento de água, que chegou em 1995 e assim mesmo sem atingir toda a vila. A água só chegou porque seus moradores, através da associação de moradores, fizeram muita pressão junto ao poder público municipal, inclusive com um protesto que interrompeu a BR 116, o principal acesso a Pelotas de quem vem de Porto Alegre ou de outros estados. Antes de 1995 havia apenas três poços artesianos no local, e em algumas ruas a pressão da água era tão fraca que os moradores tinham que utilizar o arroio Retiro para se abastecer.

Para a concretização da primeira edição do jornal da vila Princesa, cujo nome seria escolhido a partir de sugestões dos próprios moradores, a equipe - composta inicialmente por 16 alunos e o professor coordenador - marcou uma reunião com representantes da comunidade católica Cristo Redentor. Naquela reunião foram apresentados os objetivos do projeto e solicitados, pela equipe (divida em editorias), temas que pudessem ser transformados em assuntos para a primeira edição do jornal.

O jornal e a comunidade

A distribuição da primeira edição da Folha da Princesa, realizada pelos próprios componentes da equipe, aconteceu numa tarde de sábado, dia 2 de setembro de 2000, quando os alunos distribuíram o jornal de mão em mão aos moradores, quando puderam sentir a reação da comunidade ao receber, pela primeira vez, um jornal que estava falando da sua vida, do seu cotidiano. *"Todos tinham a curiosidade de encontrar a si próprio ou algum conhecido nas páginas do jornal, seja em fotografias ou mencionado nas matérias"*, disse o aluno Daniel Sanes, da editoria de "Geral" da *Folha da Princesa*.⁵ Daniel diz que muitos moradores ficaram desconfiados, *"afinal, numa época de interesses e troca de favores, como num ano eleitoral como esse, é absolutamente anormal alguém dar alguma coisa sem pedir algo em troca"*.

Para um dos moradores mais antigos da vila Princesa, Rudi Mackedanz, 68 anos, cuja história de produtor de hortaliças foi manchete de capa da segunda edição da Folha da Princesa, o sentimento de receber um jornal próprio da vila é de extrema alegria: *"Eu, minha esposa e minha filha acompanhamos o jornal desde o início e foi uma alegria*

⁵ Todas as entrevistas com os alunos da equipe do jornal foram realizadas ao longo do desenvolvimento do projeto, entre o ano 2000 e 2008



receber o jornal aqui em casa"⁶. Para ele, o jornal é importante porque é uma maneira de ficar bem informado com as coisas da vila. Ele diz que acha importante a vila ter um jornal próprio, *"porque mostra o que se passa na nossa vila e isso pode melhorar as coisas aqui. A vila é muito escura e o jornal tá mostrando isso pra todo mundo da cidade"*.

A moradora Marisa Moura, estudante de 35 anos, recebeu com surpresa a primeira edição da Folha da Princesa: *Foi a primeira vez que vi um projeto desse tipo num bairro tão distante da cidade, onde não se tem praticamente nada. Há pouco temos energia elétrica e telefone. É um bairro rural, distante, e quase nenhum político vem aqui.* Marisa participou do concurso de poesia sobre a vila promovido pelo jornal em sua primeira edição (setembro de 2000), sendo a vencedora com a poesia "Minha Princesa", um poema de amor à vila. No poema, publicado na 2ª edição do jornal (outubro de 2000), Marisa diz, entre outras coisas: *Toda essa trajetória para muitos pode ser banal, mas para nós é de grande valia. Pois hoje temos até um jornal, e estamos lutando por um posto policial*". Ela diz que um jornal para a vila é importante porque *"é uma maneira das pessoas se darem conta dos problemas que a gente tem. Sem o jornal, as pessoas não conseguem enxergar os problemas do próprio vizinho ou os seus problemas da rua. O jornal mostra isso e é uma maneira das pessoas se alertarem e exigirem solução. E também é importante o jornal mostrar o que a vila tem de bom.* Marisa considera que o jornal estimula a conversa entre as pessoas sobre os problemas do bairro. Marisa diz que ela própria adorou se ver no jornal como a vencedora do concurso de poesia. *"Me senti o máximo, principalmente porque eu ganhei o concurso e eu não esperava. Ninguém sabe que eu escrevo e, de repente, as pessoas ficam sabendo que eu faço poesia, que eu estudo, enfim, que eu existo e que posso contribuir com alguma coisa no bairro"*.

Os comerciantes Adriani Lopes, 34 anos, e Rogério Fonseca, 37, que foram os personagens da reportagem "Um encanto de Natal", publicada na edição de dezembro da Folha da Princesa, dizem que a sensação foi de espanto e curiosidade ao receber a primeira edição do jornal. *"Fui direto ler todo o jornal, procurar conhecidos e saber coisas da vila"* (Adriani Lopes, janeiro de 2001). *"Eu fui logo procurar a página de esportes para ler sobre a inauguração do estádio de futebol da vila"* (Rogério Fonseca, janeiro de 2001). Rogério também ressalta que com o jornal, a população do bairro passa a cobrar ações das autoridades. *"Por exemplo, a iluminação pública, que o jornal tem publicado, todos estão acompanhando para ver se o problema vai se resolver. O jornal registra o problema e*

⁶ As entrevistas com moradores que de alguma forma participaram do jornal, foram realizadas no mesmo período. Todos os entrevistados autorizaram publicação de seus nomes.



serve de reivindicação para os moradores". Adriani complementa: "O jornal enche a gente de esperança. Antes do Natal eles prometeram, depois ficou para o ano novo, e até agora nada...".

O ex-presidente da Associação de Moradores da Vila Princesa, Oswaldo Mena, 52 anos e que vive no local há mais de 40, recebeu o jornal como um impacto muito grande, porque segundo ele há muito tempo ninguém olha para a Vila Princesa.

Mena considera que o jornal é uma arma que os moradores têm nas mãos. *"Uma notinha que saia mostrando nossos problemas, já nos dá esperança. Esse projeto é muito importante, se todas as vilas tivessem um projeto como esse, talvez a cidade não estaria na situação de abandono em que está"*. Ele faz uma comparação com os veículos tradicionais de comunicação, dizendo que para esses veículos, a vila só é notícia quando acontece alguma tragédia, e que o fato de a vila localizar-se tão distante do centro da cidade, acaba desestimulando a imprensa, *"mas se eles viesse aqui, veriam que tem muito assunto interessante, muita matéria para colocar"*.

Um dos depoimentos mais contundentes a respeito do projeto "Folha da Princesa" foi do comerciante Deolindo, de 42 anos, proprietário de um mini-mercado na rua principal da vila. Numa das primeiras visitas do grupo à vila, ele dizia que o problema da vila era a existência da favela, que ele dizia ser habitada por pessoas que não trabalhavam. Hoje, após ler as coberturas feitas pelo jornal na favela, com matérias que mostram o lado humano de seus habitantes, Deolindo tem outra visão da favela: *"Achei interessante a matéria sobre a favela da vila, as dificuldades que vivem aquelas pessoas. Eu confesso que não sabia que era assim, com tantas dificuldades. Se não fosse o jornal, talvez eu jamais viesse a compreender isso"*. Essa declaração demonstra que o jornal está conseguindo cumprir com um de seus objetivos, que era o de desmistificar a presença de pessoas excluídas do processo social na vila.

O morador Jairo Dias foi o primeiro a receber a equipe do jornal. Foi ele quem estimulou o grupo e forneceu as primeiras e fundamentais informações para que o projeto avançasse. Para ele, o jornal veio para ajudar a todos. *"Muitas coisas, depois da chegada do jornal, foram conseguidas no nosso bairro, e eu cito exemplo da polícia que está mais presente, e a entrevista com o prefeito eleito, e agora temos como cobrar as promessas de campanha"*. Ele lembra que as pessoas da vila até têm acesso a outros meios de comunicação, mas nenhum tem o significado de um jornal próprio. *"A gente passa a conhecer melhor a própria história da vila. Eu mesmo, moro há 43 anos na vila e fiquei*



conhecendo muitos aspectos da nossa história através do jornal, da matéria que contou o início da vila Princesa".

Diálogo com o poder público

Com o surgimento do jornal *Folha da Princesa* a população da vila passou a contar com um canal próprio de reivindicação junto ao poder público municipal.

Desde a primeira edição, a *Folha da Princesa* torna público problemas estruturais da vila, como a precariedade do transporte coletivo, iluminação, água, entre outros. Neste processo dialógico e participativo, a equipe do jornal ouve a comunidade sobre as reivindicações, e cobra do poder público uma reação.

Além disso, o jornal também estimula a cidadania e a organização comunitária, como na reportagem que tratou da situação da Associação de Moradores da vila, numa pauta sugerida pelos próprios moradores. A matéria trouxe como título uma forte declaração do presidente da Associação, Paulo Prieto, proferida por ele durante entrevista ao jornal: “Fui um péssimo presidente”, disse ele ao avaliar sua gestão. A repercussão foi imediata, num misto de revolta com satisfação de vê-lo assumir a inoperância da entidade.

Muitos moradores da vila Princesa sequer sabiam da existência da associação, já que a mesma se encontra desativada em termos de projetos ou ações. Para se ter uma idéia, o mandato da atual gestão havia vencido há um ano, sem que tenha sido convocada a eleição prevista nos estatutos. A alegação de Prieto para permanecer no cargo é de que “os moradores não se interessam e nada fazem para que a atual situação se modifique”.

O resultado de tanta indignação resultou numa pressão da comunidade para que fossem convocadas eleições para a nova diretoria da Associação. A situação, então mudou drasticamente, passando do total desinteresse dos moradores pela entidade para uma manifestação que resultou na inscrição de duas chapas para a eleição, fato jamais registrado na história da vila Princesa.

É preciso que fique claro, no entanto, que nem todo projeto de comunicação comunitária é originalmente popular e participativo. É o que afirma, Cecília Peruzzo:

Convém não esquecer, como já dissemos, que tanto "participativo" como "popular" não qualificam necessária e automaticamente o substantivo democracia. Muitas organizações podem estar às voltas com propostas conservadoras e autoritárias. O Brasil está cheio de exemplos. (PERUZZO, 1998:141-42)

Os exemplos a que Peruzzo se refere podem estar no próprio movimento popular, que é, segundo ela, citando SOUZA, atravessado pelas contradições de classe e de projetos de sociedade que disputam a hegemonia em nosso mundo e país (op.cit. p. 142).

É preciso salientar que não basta o veículo comunitário proporcionar ao público uma participação que limita-se às sugestões, artigos, entrevistas. É preciso um outro nível de participação, que envolva efetivamente a comunidade no projeto como seu cúmplice, ajudando na construção e aprimoramento. Discutindo, inclusive, os destinos do veículo e sua linha editorial e de ação comunicativa. Só assim haverá uma efetiva democratização de um veículo verdadeiramente popular e participativo.

CONSIDERAÇÕES

O projeto “Folha da Princesa” desde o início mexeu com o cotidiano de uma comunidade de cerca de mil famílias da Vila Princesa, que até então nunca havia participado de algum veículo de comunicação, muito menos de um veículo próprio, criado a partir de suas necessidades em termos de informação. A cada edição da “Folha da Princesa”, a comunidade fica mais envolvida, querendo participar e de alguma forma dar sua contribuição para a manutenção e evolução do projeto, num processo participativo que busca, primeiro lugar, a conquista da cidadania.

É óbvio que um trabalho dessa natureza deixa muitas lacunas, que certamente resultarão em pesquisas futuras para enriquecer o debate em torno do jornalismo comunitário ou da comunicação popular. Procurou-se nesta pesquisa, discutir em nível teórico e de maneira sucinta, o processo comunicativo e suas variadas interpretações, principalmente no que diz respeito aos efeitos dos meios de comunicação no cotidiano dos indivíduos.

Ao mesmo tempo, a comunicação popular trabalha com a busca de uma reflexão crítica das comunidades acerca de sua própria condição de cidadania e de seus direitos e no fato de que a comunidade acaba confiando no veículo devido à sua autonomia e independência de qualquer outro interesse (político ou econômico), mas principalmente pelo caráter de intervenção direta no processo quando este lhe parece inadequado à realidade local.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Daniela. *Construindo uma sociedade melhor. Folha da Princesa*. Nº 02, Pelotas: outubro de 2000.

DIAS, Antônia. *Os moradores e a Vila Princesa: uma única história. Folha da Princesa*. Nº 01, Pelotas: setembro de 2000.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Séc. XX: Neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária:1997.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. **Comunicação nos Movimentos Populares**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *Mídia Comunitária*. In:**Comunicação e Sociedade**. Nº 30

RAMONET, Inácio. **A Tirania da Comunicação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SANTOS, Marcela. *Favelinha: o outro lado da Vila Princesa. Folha da Princesa*. Nº 3, Pelotas: novembro de 2000.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Ideologia e Cultura Moderna**. Petrópolis, RJ: Vozes,